

*Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais.* SILVA, Sidney Antônio da (Org.). São Paulo: Hucitec; Manaus: Fepeam, 2012. pp. 342.

Geraldo Castro Contiguiba

Universidade Federal de Rondônia

O livro *Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais* de Sidney Antônio da Silva é formado por um conjunto de catorze textos cuja discussão central é o tema da migração no contexto da Pan-Amazônia. Seu resultado é fruto de pesquisas realizadas na região por diferentes pesquisadores e em diferentes lugares, com o objetivo de ampliar as reflexões sobre o tema, o que contribuiu para fomentar a discussão conceitual e teórica.

Diferentes visões retrataram a Amazônia desde o início do período colonial, como a visão paradisíaca dos cronistas seiscentistas, a visão mítica dos viajantes do século XVII em diante, a crueza descritiva da fase da borracha, chamada de “inferno verde” na visão de autores como Euclides da Cunha, ou ainda a perspectiva da colonização brasileira que durante tanto tempo difundiu a noção de um “vazio demográfico”, enquanto um argumento para expansão das fronteiras nacionais e controle do território no período desenvolvimentista do país. Na obra aqui abordada, a Amazônia é contemplada não como um mundo fantasioso, mítico, paradisíaco ou infernal, mas como ela é na sua dimensão plurinacional ou, como o título indica, *PAN* no sentido literal, pois envolve uma discussão em relação às pessoas que cruzam as fronteiras entre Brasil, Guiana, Colômbia, Suriname, Bolívia, Peru e, mais recentemente, se tornou a porta de entrada para imigrantes haitianos.

A proposta do livro é discutir o tema da migração no contexto Amazônico para além “de sua dimensão econômica e demográfica” (p. 9) de maneira que contemple as “questões conceituais e empíricas” tendo como fonte os trabalhos de pesquisas realizadas por pesquisadores locais, de outras regiões do país e do exterior. O fomento para esse debate é proposto pelo organizador da obra, o professor Sidney Antônio da Silva, da Universidade Federal do Amazonas, fruto de estudos realizados em 2010, pelo Grupo de Estudos Migratórios na Amazônia, o Gema, coordenado pelo autor.

Sobre os movimentos migratórios na Pan-Amazônia há uma atualização censitária sobre esse processo no tocante aos imigrantes, realizada por Luis E. Aragón que, como o próprio autor afirma, servirá de base para estudos sobre a migração internacional e ao

mesmo tempo sobre as particularidades de cada país no interior de suas fronteiras, com dados atualizados sobre a primeira década do século XXI.

A reflexão teórica sobre conceitos e categorias é realizada por Carmem Rial e Bella Feldman-Bianco. Rial apresenta uma reflexão sobre a categoria migrante ao discutir o traslado de jogadores de futebol enquanto uma categoria de migrante diferenciada, que cruza as fronteiras, trabalha e reside nos países de destino sem criar vínculos mais profundos como os demais migrantes e, dessa forma, a noção de fronteira tem outro sentido que é diferente da noção que tem o migrante que a cruza em busca de trabalho em outras atividades. O texto de Feldman-Bianco é uma discussão e um convite para repensar a noção de lugar, seja no plano nacional, regional ou local frente aos movimentos migratórios e como isso modela a identidade dos grupos em questão e, ao mesmo tempo, modificam a de lugar a partir das mudanças ao longo do tempo. Sua reflexão se dá a partir de pesquisa etnográfica realizada com portugueses nos Estados Unidos e sua análise se detém sobre a noção de pertencimento a dois lugares ao mesmo tempo, a origem e o destino, mesmo diante dos problemas da discriminação.

A fronteira nacional é um lugar demarcado arbitrariamente pelo Estado sem levar em consideração os povos que ocupam a região por onde ela demarca os espaços de soberania de cada nação. No caso da Região Amazônica, o efeito da demarcação fronteiriça nacional afetou diretamente a noção de territorialidade tradicional de povos que vivem na região, como os Macuxi e os Wapichana, na fronteira do Brasil com a Guiana, analisados por Stephen G. Baines. Esses povos indígenas passaram por uma influência de ambiguidade em relação ao seu pertencimento territorial, ora como índio, caboclo ou mesmo brasileiros, ora como guianense. Baines chama esse processo de “identidades contextualizadas”.

No mesmo contexto e numa abordagem semelhante, Priscila Faulhaber apresenta um quadro geral sobre os Ticuna, povo indígena da fronteira entre Brasil e Colômbia que teve que se reagrupar no interior de seu próprio território com o objetivo de se afastar das atividades do mundo dos brancos. Além disso, a autora ainda aborda a questão de povos indígenas que foram dados como extintos que, no entanto, ressurgiram e passaram a reivindicar as terras de seus antepassados. Essa mesma dinâmica é registrada por Edviges Irois a respeito de alguns grupos indígenas que vivem no que se entende como região do baixo rio Tapajós, onde um movimento de mobilização cultural e étnica desses grupos promoveu uma modificação no quadro sociopolítico e cultural na região marcada por vários conflitos cujo interesse central era a posse da terra.

A relação entre migração e Estado é um dos principais problemas concernente aos deslocamentos de pessoas, como é o caso da Colômbia, abordado por Henry Salgado Ruiz que discute sobre o aumento das taxas de desterro promovidas pela violência no país a partir de 1995, quando muita gente perdeu tudo o que tinha e se viu na iminência de deixar o lugar de origem e buscar outro para assegurar sua sobrevivência. Outra faceta desse processo migratório é apresentada por Márcia Maria de Oliveira e Jardel de Oliveira, ao discutirem algumas consequências da migração de mulheres colombianas para Manaus. Se no país de origem a violência era exercida ou pelo Estado ou por grupos organizados, no Brasil ela se manifesta de maneira indireta com a negação do refúgio, proporcionando um clima de insegurança, instabilidade e, conseqüentemente, afetando diretamente as condições de vida dessas pessoas.

Ainda na perspectiva da fronteira transnacional e a migração enquanto fator essencial para se tentar uma nova vida em outro lugar, temos o artigo de Rafael da Silva Oliveira que reflete sobre a migração de brasileiros para trabalho nos garimpos da Guiana e Suriname. Em outro ambiente, esses brasileiros são inseridos num contexto com suas regras sociais e hierarquia claras. Ao chegarem no destino os brasileiros migrantes se inserem num contexto ainda marcado pelas difíceis condições de trabalho e, juntamente a isso, a prostituição. A tentativa de uma vida melhor não é certeza de que irá encontrá-la.

Situação semelhante é a discussão apresentada por Francilene dos Santos Rodrigues e Iana Santos Vasconcelos sobre a migração na trílice fronteira Brasil, Venezuela e Guiana. Para as autoras, percebe-se que a pobreza afeta mais diretamente as mulheres, que nos últimos anos têm se tornado parte expressiva dos movimentos migratórios em busca de melhores condições para si e seus filhos na chamada “feminização da migração”.

O organizador da obra, Sidney Antonio da Silva traz para a discussão a migração de peruanos no contexto Pan-Amazônico nas cidades de Manaus, Boa Vista e Pacaraima, para aonde partem em busca de novas oportunidades de trabalho e melhores condições de vida. A dificuldade do grupo é desigual relação de força entre o imigrante e o nativo na concorrência no mercado de trabalho.

Além dessa abordagem, o autor ainda nos traz um panorama sobre a migração haitiana para Manaus e suas peripécias para cruzarem a fronteira numa região trílice, Brasil, Peru e Colômbia, encarada nessa discussão como um “ritual de passagem” devido às condições muitas vezes abjetas que o grupo tem de encarar para alcançar aquilo que se busca. Nesse processo migratório questões como as contradições da política migratória brasileira

são expostas no sentido de se refletir para uma mudança de perspectiva sobre o tema, que não seja apenas a ideologia da segurança nacional.

Complementam o livro as discussões de Carolina Moulin e Helion Póvoa Neto. Moulin discute a migração a partir da abordagem do direito internacional com suas categorias de documentado e indocumentado. Para a autora, o campo jurídico encara migrantes na condição de deslocado e, principalmente, o refugiado, como uma ameaça à segurança nacional estatal, pois esses fluxos migratórios estariam provocando mudanças nas relações sociais e políticas e criando novas hierarquias de poder na contemporaneidade. Póvoa Neto aponta que as políticas migratórias não são coesas num mesmo padrão, no entanto se alteram de acordo com os interesses estatais de acordo com o momento, como no caso da migração nordestina para a Amazônia ou a entrada de imigrantes em diferentes momentos. Assim, a criminalização do imigrante indocumentado é um fator alimentador da xenofobia o que só será solucionado, se houver a implementação de uma política de imigração capaz de recepcionar o imigrante e inseri-lo socialmente, como o que é discutido por Silva sobre os haitianos em Manaus.

A riqueza da obra reside no fato de abordar um tema que é relativamente antigo no imaginário mundial, a Amazônia e, nesse sentido, recortá-lo para a temática da migração em seus diferentes aspectos – fronteira, política, identidade étnica ou cultural, gênero, trabalho etc. – circunscritos ao que é denominado espaço Pan-Amazônico ou uma Amazônia de múltiplas fronteiras e múltiplos povos com suas variadas visões de mundo, identidades étnicas ou culturais, expectativas e projetos de vida dos mais variados, com seus anseios, alegrias e frustrações. É uma obra de vasto alcance tanto no sentido da origem das pessoas contempladas como pelos temas abordados, como pela espacialidade multinacional no sentido antropológico do termo, com seus diferentes povos e visões de mundo. Excelentes trabalhos de pesquisa que agora são disponibilizados para o público sobre uma região há muito comentada e pouco conhecida, a Amazônia.